



VOZ

BIBLIOTECA MUNICIPAL
Manuel Beethoven e
Esposende

PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS

AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLÚCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL



TAXA PAGA
PORTUGAL
ESPOSENDE

janeiro-fevereiro 2016
3ª Série - Ano XL - nº 271
ISSN 2182-4746

de ANTAS

PADRE ANTÓNIO FERNANDES DE SÁ

Um sentido adeus

Às oito horas da manhã do dia 29 de dezembro os sinos da nossa igreja tocaram a finados. Ficamos alarmados, em época de Natal é mais pungente tomarmos conhecimento de que alguém nos deixou. Logo correu célere a notícia: o Sr. Padre Sá faleceu na Clipóvoa.

Todos sabíamos das difíceis condições de saúde, derivadas de problemas hepáticos, que principiaram a agravar-se a partir de meados de agosto. Como era seu compromisso, ainda foi a Fão celebrar a Santa Missa à igreja da Misericórdia no dia 15 desse mês. Porém, no domingo seguinte já não lhe foi possível deslocar-se no próprio automóvel, como era seu costume, nem mesmo aceitar ajuda para a viagem.

Foi precisamente no Hospital S. João de Deus, da Santa Casa da Misericórdia de Fão, que recebeu o necessário apoio médico e assistencial ficando internado de 22 de setembro a 7 de outubro. Em melhores condições, regressou então a casa, o que lhe permitiu passar o dia do seu 87.º aniversário com a família. Infelizmente o agravamento da doença exigiu novos internamentos hospitalares, quer em Fão, no mesmo hospital, quer na Póvoa de Varzim, na referida clínica médica onde viria a entrar pela segunda vez a 17 de dezembro e onde viria a falecer a 29.

A partir do início da tarde desse dia foi enorme a afluência de conterrâneos e amigos à Casa da Paz, a orarem por sua alma, a prestarem-lhe homenagem e a dar conforto aos familiares, nomeadamente à sua cunhada D. Clara da Cruz Neiva, sempre presente, e à sua estimável família. No dia seguinte a igreja foi pequena para acolher a multidão que veio assistir às cerimónias fúnebres, presididas pelo Sr. Arcebispo Primaz, D. Jorge Ortiga, ladeado à sua direita no altar pelo arcepreste de Esposende, P. Delfim Fernandes e à sua esquerda pelo pároco, P. Manuel de Brito Ferreira. Presentes estavam pelo menos outros 35 eclesiásticos, alguns não paramentados, cujos nomes não é possível referir por insuficiente informação. Entre eles, para além dos sacerdotes nossos conterrâneos e alguns párocos das freguesias do arceprestadado, encontrava-se Monsenhor José Domingos Cachadinha, natural de Nogueira, Viana do Castelo, seu velho amigo desde os primeiros tempos em Angola onde foi tenente-capelão das Forças Armadas.

cont. na pág. 2

Foi há 75 anos... Quem se lembra?

O dia 4 de junho de 1940, uma terça-feira, foi decretado pelo Presidente da República, Óscar Carmona, como feriado nacional. Iam ser, nesse dia, iniciadas "as comemorações do duplo centenário da fundação e da restauração de Portugal". Naturalmente, foi nas grandes cidades que houve maiores festejos.

Por cá, digna de registo, foi a celebração nesse dia de um solene Te-Deum na igreja matriz de Esposende, seguida de uma sessão solene nas Escolas Rodrigues Sampaio. Houve depois um cortejo pelas ruas da vila com os alunos das escolas e os Bombeiros Voluntários, abrilhantado pela nossa Banda de Música.

continua na página 3

O Grupo de Jovens Esperança

Página 5

Homenagem a Manuel Ledo

Página 9

A PRAIA E OS VERANEANTES

Página 10

PADRE ANTÓNIO FERNANDES DE SÁ

cont. da 1ª pág.

Na homilia, S. Ex.^{cia} Rev.^{ma} começou por fazer referência à presença de D. Abílio Ribas, bispo emérito de S. Tomé e Príncipe, do Sr. Arcipreste, do Sr. presidente da Câmara e de outras autoridades civis. Lembrou depois aos presentes alguns traços da atividade missionária do sacerdote a cujas exéquias estávamos a assistir. Relevou sobretudo o seu empenho como professor nos diversos seminários e estabelecimentos de ensino onde lecionou, quer em Angola quer em Portugal. Referiu-se também à época natalícia que estávamos vivendo e alertou para o empenhamento que, como cristãos, devemos ter na ajuda à solução dos problemas sociais decorrentes da presente situação de insegurança a nível internacional. Não é só com dinheiro que se resolvem os problemas de quem nos pede socorro; é também com disponibilidade de

tempo, ternura, carinho e atenção. Foi também com estes valores que o sacerdote António Fernandes de Sá contribuiu durante toda a sua vida para minorar amarguras e dar esperança aos menos protegidos. Que o Senhor o recompense.

Terminada a Santa Missa, uma representante da vizinha paróquia de Vila Chã tomou a palavra para agradecer os inesquecíveis onze anos de dedicação que o Padre Sá consagrou aos seus conterrâneos como pároco daquela freguesia.

O féretro seguiu para o cemitério, precedido pelo Sr. Arcebispo e por todos os sacerdotes, e foi com emoção que os acompanhamos nas últimas orações.

*

O P. António Fernandes de Sá nasceu no lugar do Monte a 8 de outubro de 1928, filho de Manuel Fernandes de Sá e de Olívia Alves da Cruz Viana, neto paterno de Manuel Fernandes de Sá e Ernestina Rodrigues Viana, neto materno de João Pires da Cruz e Maria Alves da Cruz Viana. Terminada a instrução primária em 1941, logo iniciou a 15 de outubro seguinte, no seminário da Congregação do Espírito Santo, em Godim – Peso da Régua, os estudos que o levariam à ordenação sacerdotal em Carcavelos, a 26 de setembro de 1954, domingo. Foi das mãos de D. Agostinho de Moura, bispo de Portalegre, que recebeu juntamente com o conterrâneo P. Manuel Alves Laranjeira (31.12.1927 – 20.4.1971) tão excelso sacramento. As duas “Missas Novas” sucederam-se no domingo seguinte, 3 de outubro.

Como referiu D. Jorge Ortiga, foi o ensino que que lhe ocupou grande parte da sua vida. Na verdade, ainda antes de terminar o curso



de Teologia, foi professor de língua latina, de educação física e de canto coral no seminário de Godim, no ano letivo de 1952-53.

Em 1955 partiu para a diocese de Nova Lisboa (Huambo), em Angola, onde foi professor na Escola Teófilo Duarte, na vila de Cuíma, até 1959. No fim desse ano regressou de férias à sua terra, precisamente quando o pároco, Padre Apolinário, desenvolvia os primeiros contactos para a construção do Salão Paroquial. Deu-lhe todo o seu apoio e estímulo. Durante o ano letivo de 1960-61 foi professor em Viana no seminário da sua Congregação, vulgarmente chamado “das Ursulinas” por ter sido convento das religiosas de Santa Úrsula nos séculos XVIII e XIX.

De volta a Angola em 1961, foi professor até 1965 no Seminário de Caála, da mesma diocese do Huambo. Nos anos seguintes, até 1970, foi reitor do Seminário do Espírito Santo, em Nova Lisboa, o primeiro instituído pela Congregação em terras angolanas. Em 1970 transferiu-se da Congregação para a vizinha diocese de Silva Porto (agora Cuíto) onde se manteve como pároco da Sé Catedral até meados de setembro de 1975, altura em que regressou definitivamente à sua terra natal, inserindo-se na diocese de Braga.

Apartir de então lecionou no Colégio do Minho, em Viana do Castelo, até 1981. A 21 de janeiro de 1982 foi nomeado pároco de S. João Batista de Vila Chã, de que tomou posse a 7 do mês seguinte e onde se manteve até 10 de julho de 1994. Foi por essa altura que se deslocou ao Brasil, em viagem de confraternização com paroquianos, e a Macau com familiares.

Apesar de alguns problemas de saúde continuou a ajudar e por vezes a substituir o seu pároco e os das terras vizinhas em caso de necessidade. Refira-se, por curiosidade, que também foi substituir párocos amigos à América do Norte, com quem fizera amizade em Angola. Tal acontecia quando eles vinham de férias a Portugal ou em visita à família. Em datas que não foi possível precisar, deslocou-se a Kitchener, perto de Toronto, Canadá, onde pastoreava o P. Gabriel Catarino, natural de Fonte Boa, e a Nova Iorque, nos Estados Unidos, a substituir o P. António de Carvalho Azevedo, de Joane, Fomalção, que tinha sido alferes-capelão em Angola. A partir de 2010, passou a auxiliar, e depois a substituir, na Santa Casa da Misericórdia de Fão e na respetiva igreja, o capelão P. Manuel Alves Coutinho (Belinho, 31.7.1926 – 31.8.2014), onde ia celebrar a Santa Missa aos sábados à noite e aos domingos. Terá sido a 15 de agosto de 2015 que aí se deslocou pela última vez.

Obrigado, Padre António Fernandes de Sá, pelo exemplo de vida.

Aluno n.º 68, em Godim, ano letivo de 1952-53

FICHA TÉCNICA

VOZ de ANTAS

DIRETOR / EDITOR:

MANUEL DE BRITO FERREIRA

PROPRIEDADE:

Fábrica da Igreja Paroquial de S. Paio de Antas - Esposende

REDAÇÃO/ADMINISTRAÇÃO:

Manuel de Brito Ferreira
Telefs. 253671438-965 888 508
pe.brito@sapo.pt

Gonçalo Fernandes

Telefs. 253 871 887 / 933 258 057
gf@utad.pt

DEPÓSITO LEGAL: 18 861/84
ISSN: 2182-4746

Preço Avulso: 1,50 Euros

COMPOSIÇÃO / IMPRESSÃO:

TIPOPRADO - Artes Gráficas, Lda.
Lugar do Barreiro, Rua 1 - VILA DE PRADO
Apartado 6-Telef. 253929140 - Fax 253929149
www.tipoprado.com - geral@tipoprado.com

Foi há 75 anos... Quem se lembrà?

cont. da 1ª pág.

Dois dias depois, na quinta-feira seguinte, passou em Forjães a caminho de Barcelos, o ministro da Educação Nacional, Dr. Pacheco Carneiro. Os alunos de quase todas as escolas do concelho foram lá saudá-lo. Também lá estiveram o presidente da Câmara de Esposende, P. Sá Pereira, os vereadores, entre os quais o nosso conterrâneo Manuel Gonçalves Pereira (Barros), os irmãos António e João Corrêa d'Oliveira com suas esposas D. Maria Adelaide e D. Maria Cândida. Para além dos presidentes das Juntas de todas as freguesias do concelho



há que realçar também a presença do benemérito António Rodrigues de Faria que franqueou a sua quinta de Curvos para ser visitada pelas crianças acompanhadas dos respetivos professores.

Passados estes dias, por aqui entrou-se na rotina. Uma única preocupação, mas que não apoquentava a maioria das pessoas, era a decisão unanimemente aceite do levantamento de um "Cruzeiro da Independência" em cada freguesia, com inauguração até ao dia 1 de dezembro. Era às comissões fabriqueiras das diversas paróquias, em harmonia com as juntas de freguesia, que cumpria essa tarefa. Embora não estivéssemos diretamente envolvidos na II Grande Guerra Mundial, sofríamos as consequências. Não seria obra muito cara mas não havia dinheiro. Havia quem sugerisse o levantamento de um grande cruzeiro, possivelmente representativo de todo o concelho, no alto do monte Faro, por ser em sítio bem visível de longe.

O tempo passava e nada se fazia, nem na sede do concelho. Houve freguesias em que resolveram colocar no cruzeiro paroquial uma simples lápide alusiva às comemorações.

Em Antas o caso foi levado a peito logo em Maio. O melhor era aproveitar um velho, arruinado e abandonado cruzeiro nos limites da freguesia com a de S. Fins de Belinho. Está tudo muito bem relatado e documentado pelo P. Dr. Adélio Torres Neiva em "S. Paio de Antas – Sua História, Sua Gente", páginas 281 a 284, sob o título "Cruzeiro da discórdia".

O certo é que o cruzeiro, depois de restaurado, foi erigido nas traseiras do nosso cemitério. Os nossos vizinhos é que não gostaram desta iniciativa. Afinal,

de quem era o cruzeiro? De Antas ou de Belinho?

Acaba assim o texto na nossa monografia: "A verdade é que em Novembro desse ano, numa noite o povo da freguesia de Belinho desmontou o cruzeiro e levou-o para Belinho, um pouco abaixo da capela de Santo Amaro. Os de Antas não se deram por vencidos e mutilaram o cruzeiro, tirando-lhe a cruz. Posteriormente os de Belinho colocaram-lhe uma cruz de madeira, mas também esta acabou por desaparecer, bem como o cruzeiro."

Porém, em Belinho, segundo me informaram, corria outra opinião: "Foi a nove de Janeiro / que Belinho inteiro / foi a São Paio / buscar o cruzeiro". Esta quadra seria da autoria do jovem poeta daquela freguesia, Manoel Gonçalves Merrelho (1920–1950). Consta que vieram armados com paus e espingardas mas não houve zaragata. Embora o cruzeiro tenha desaparecido durante algum tempo, foi recuperado e hoje está bem visível junto à E. N. 13. Pelas fotografias juntas nota-se que a cruz não é a mesma. No plinto está a indicação de que foi restaurado em 28 de julho de 1988.

Felizmente não foi destruído e está em local bem visível.

Raul Saleiro

Novos filhos de Deus Batismos

10/outubro/2015: **Matilde Quintas Vitorino**, filha de Vítor Manuel Gonçalves Vitorino e de Adelaide da Cunha Quintas, residente no lugar do Monte. Padrinhos: Bruno Miguel Neiva Marques e Sónia Raquel Cunha Quintas.

18/outubro/2015: **Ana Luís Fernandes Faria**, filha de Luís Miguel Viana Faria e de Ana Miguel de Sá Fernandes, residentes no lugar do Monte. Padrinhos: Miguel Carlos de Sá Fernandes e Ana Isabel Viana Faria.

13/dezembro/2015: **João Francisco Corwissiano Domingos Nunes**, filho de Carlos Joaquim de Sousa Nunes e de Patrícia de Aguilar Corwissiano Domingos, residente em Esposende, Rua 25 de Abril. Padrinhos: João Filipe Fernandes Soares e Alexandra Maria Marques Mota.

MARIA PIRES VIEIRA

Maria Pires Vieira nasceu a 16/07/1923 na freguesia de S. Paio de Antas, tendo sido a segunda dos sete filhos do casal Ana Pires Vieira e António Manuel Simões.



Desde muito cedo na sua infância sentiu as dificuldades da vida, como muitas outras crianças da sua época. Com apenas sete anos começou a "servir", trabalhando na lavoura com o gado e nas tarefas domésticas, como meio de sobrevivência tanto para si como para os seus pais e irmãos mais novos. Mais tarde, viria a trabalhar como jornaleira também na lavoura, tendo ainda trabalhado na pirotecniã da freguesia e na seca do bacalhau no porto.

Na sua juventude, casou-se com José de Almeida Torres, que viria a falecer poucos anos depois. Como frutos do seu casamento, nasceram as suas filhas Amélia e Maria do Céu, e o seu filho António, que faleceu com apenas 18 anos devido a leucemia. O casal teve ainda outros quatro filhos, falecidos na infância.

Toda a sua vida foi exemplo de fé e de coragem, mesmo perante as situações mais difíceis, como a doença e morte do seu marido e sobretudo dos seus filhos. A sua fé fez com que, em Maio de 1952, de forma pioneira na nossa freguesia, juntamente com o marido e carregando a sua filha Maria do Céu ao colo, fosse a pé e sem dinheiro em peregrinação a Fátima, suplicar à Virgem Maria remédio para a tuberculose de que o seu marido padecia. Apesar da sua forte devoção, acabou por ficar viúva com apenas 32 anos, com os seus três meninos para cuidar.

Mesmo após ultrapassar os tempos mais difíceis da sua vida, continuou a demonstrar a sua enorme bondade e dedicação aos outros. Apercebendo-se das dificuldades e circunstâncias vividas pelos seus familiares, decidiu cuidar desde muito cedo da sua neta Lúcia e bisneta Sílvia, com quem viveu a reta final da sua vida.

Em Maio de 2010, sofreu um primeiro AVC, que a deixou desde logo em estado de dependência, tendo ficado aos cuidados dos seus familiares.

Com grande pesar da sua família, partiu para a Casa do Pai, no passado dia 10/12/2015, com 92 anos.

Que Deus a recompense por todo o bem que fez e que lhe dê o merecido descanso eterno!

A família agradece a todas as pessoas que participaram nas cerimónias e demonstraram a sua solidariedade neste momento. A todos uma palavra de sincera gratidão!

Avó,

É tão difícil dizer adeus!

Ainda mais para quem amamos e que esteve sempre tão presente na nossa vida, pois tivemos o privilégio de a ter como avó, amiga, conselheira, mas acima de tudo como mãe.

Sempre com simplicidade, ensinou-nos os verdadeiros valores da vida. Com um olhar carinhoso e um conselho sábio, nunca nos abandonou, mesmo quando a vida foi madrastra, quando os problemas eram muitos, quando o desânimo bateu à porta, nunca baixou os braços, nunca. Que coragem admirável!

Mostrou-nos que podíamos ser melhores, que deveríamos ter fé em Deus, que ele nunca nos abandonaria. Como tinha razão! E hoje aqui estamos, fruto do seu esforço e da sua educação.

Mas a dor é muito grande avó, porque sabemos que não vamos mais sentir o seu abraço, a sua voz calma dizendo-nos que tudo vai correr bem. Por muito que tentemos, a mágoa da despedida é tão dura de suportar, que as palavras nunca vão conseguir expressar a saudade que vamos sentir todos os dias da nossa vida. Mas ter fé é saber que cada dia é um recomeço.

Obrigada avó, pelos carinhos, por toda a compreensão e por toda a ajuda que nos deu, mas principalmente pelo grande tesouro que nos deixou: um exemplo de vida!

Estará para sempre viva no nosso coração, por isso iremos perpetuar a sua memória, para que tenha orgulho de nós, como pessoas de bem que sempre nos ensinou a ser.

Resta-nos o consolo da certeza que o Senhor a recebeu com os braços abertos, e que continuará a olhar por nós todos os dias da nossa vida.

A saudade é o amor que fica...

Obrigada avó, do fundo do coração! Sílvia

Celebração Jubilar queridos avós!

Como neta de um grupo de netos espetaculares, decidi elaborar um pequeno discurso em nome de todos.

Há exatamente 50 anos atrás, dia 28 de Novembro de 1965, **António e Irene** entraram na Igreja de Antas Esposende dispostos a amarem-se para toda a vida e a construírem uma família feliz. (Parabéns, conseguiram!) Nesse dia a longa caminhada começou e não prometia apenas um jardim de rosas, os espinhos seriam inevitáveis mas a felicidade não era impossível.

A pouco e pouco os filhos nasceram e em seguida os netos. Netos esses que estão aqui todos presentes e 100% agradecidos por tudo o que fizeram por nós até ao dia de hoje. Estamos orgulhosos e felizes por estarmos aqui a festejar um aniversário que marca 50 anos repletos de amor e alegrias, embora também tristezas e suor que marca a luta por uns filhos felizes, saudáveis, com a devida educação e conseqüentemente uns netos igualmente bons! É das raízes que se começa, e se somos hoje o que somos não se deve apenas aos nossos pais, porque os nossos pais ensinam-nos e aconselham-nos também com base no que os pais deles os ensinaram.

Obrigado por todas as rugas que gastaram connosco, pela paciência, pelo apoio incondicional, pelas brincadeiras, pelos conselhos, pelos ensinamentos, pela experiência de vida que nos transmitiram e pelo grande exemplo que são para nós! Afinal de contas são 50 anos, 5 décadas de história, de união, entrega e de fidelidade!

Suportaram-nos desde o dia em que nascemos e deram-nos a vossa mão e o vosso ombro amigo que nunca havemos de esquecer. Sempre fizeram de tudo para nos compreender e para nos fazerem as vontades que só os avós fazem.

Temos a certeza que nunca iremos esquecer este dia e esta família que aqui se encontra. Este é um momento de grandeza e de marca nas nossas vidas. Somos ainda muito novos, mas suficientemente crescidos para perceber que o amor é possível. Se vocês conseguiram, porquê que nós também não haveremos de conseguir?!

Desejamos do fundo do nosso coração as maiores felicidades e a continuação de uma trajetória feliz, contornando sempre os espinhos e os obstáculos que na vossa frente se colocarem.



CATEQUESE E NATAL

Presentes, presentes e mais presentes... e o Pai Natal não falta, é claro! Para a maioria das crianças, o natal resume-se a estas duas coisas. Coisas importantes para a imaginação infantil, mas limitativas.

Mas, será que o Natal pressupõe este consumismo frenético?

Durante o tempo de advento a catequese foi refletindo no verdadeiro sentido do natal.

Esta campanha teve como grande objetivo preparar a vinda de Jesus pensando nos outros e em cada um de nós, associando-se assim ao Jubileu Extraordinário da Misericórdia, proclamado pelo Papa Francisco que apela a "Que a misericórdia se traduza no acompanhamento que fazemos àqueles que precisam de cuidado, de ajuda, de proximidade solidária, de aconselhamento."

"Viver a alegria do Evangelho e a misericórdia à espera de Jesus" foi o lema proposto para a campanha ou seja, enquanto esperamos a vinda de Jesus, rosto da misericórdia, viver a misericórdia olhando o outro. O símbolo escolhido foi o cabaz. O cabaz de Natal, um cesto de vime, recheado e decorado é um **símbolo da partilha** e da "onda de solidariedade" que este acontecimento desperta em todas as pessoas.

No terceiro domingo do advento fez-se a entrega da bíblia aos catequizandos do 4º ano de catequese. Celebração simples mas cheia de significado.

Neste sentido vivemos também a festa de natal da catequese que a todos encantou pela simplicidade dos mais pequeninos e pelas belas mensagens que todos os grupos nos transmitiram.

Todos recordaremos as belas atuações dos diferentes anos de catequese, umas vezes provocando o riso e outras fazendo aflorar tímidas lágrimas. No fim da festa tínhamos, todos, a certeza de que viver o Natal é comemorar o milagre do nascimento de Jesus Cristo e fazer despertar em nós a esperança e a conversão para uma vida nova. É tempo de praticar mais a solidariedade e o amor ao próximo.

O Natal é uma época em que devemos fortalecer a nossa fé e admirar a força de Jesus, a coragem de Maria, a lealdade de José e o milagre de Deus.

O verdadeiro significado do Natal é o amor.

Acreditar e viver o verdadeiro sentido do Natal talvez seja o que falta a toda a nossa sociedade.



Entrega da bíblia



Partilhando abraços na festa da catequese.



O que desejamos para o novo ano.

O Grupo de Jovens Esperança

Para comemorar o S. Martinho e proporcionar um dia de convívio entre a família GJE, o grupo de jovens organizou no passado dia 21 de novembro o seu magusto, com os elementos e respetivos familiares. Um dia recheado de bons momentos de união, amizade e partilha.

O mês comemorativo do nascimento de Cristo significa para o grupo um conjunto de atividades relacionadas com a quadra natalícia. No início do mês de dezembro foi realizado pelas ruas da freguesia o Peditório para a Festa do Menino, tendo por objetivo o posterior embelezamento da Igreja Paroquial e toda a logística própria da época.

Com muito trabalho, esforço e dedicação por parte dos elementos do Grupo, foi feito na noite do dia 11 de dezembro o presépio do Menino Jesus e a Árvore de Natal. Dado o simbolismo que este trabalho representa para nós, deixamos um testemunho daquilo que o presépio e a árvore representam:

"Este ano, à semelhança dos anos anteriores, o Grupo de Jovens Esperança elaborou o Pinheiro de Natal e o Presépio.

Por um lado, a árvore, feita de canas de bambu representa o poder da união... Cada cana, sozinha, não seria mais do que

uma simples cana, por mais bela ou por mais imperfeita, nunca passaria disso mesmo: uma cana. Mas, quando se colocam todas as canas em conjunto é visível a forma da Árvore de Natal e deixa de olhar-se para cada cana individualmente e passa-se a apreciar o poder do conjunto. Por outro lado, o serrim, que outrora foi madeira sólida, mostra que qualquer contributo, por mais pequeno que seja acaba por fazer a diferença, sendo sempre importante.

Ajuda-nos, Senhor, a, nesta data tão especial que se aproxima, unirmos os nossos esforços para tentarmos seguir os teus ensinamentos e a darmos o nosso contributo, por mais pequeno que achemos que possa ser. Ensina-nos a ter o teu dom de perdoar e dá-nos a alegria da tua presença nos nossos corações. Que este Natal as nossas portas estejam sempre abertas para Ti e que a nossa relação amadureça em Amor.

Com o finalizar deste ano, agradecemos a todos aqueles que nos ajudam e apoiam a nossa causa, movida de Fé em Jesus Cristo. Desejamos a todos um ano de 2016 recheado de novos desafios, oportunidades e muita Esperança!

O Grupo de Jovens

Nas mãos de Deus...

NA PLENITUDE DA VIDA

Aqueles que amamos, nunca morrem. Apenas partem antes de nós. A gratidão é a memória do coração.

Seus nomes são repetidos (citados) com saudade.

Foi com o amanhecer, que no dia 30 de Novembro do ano 2015, recebemos a triste notícia: a nossa Mãe tinha acabado de nos deixar. Partiu para junto de Deus, a sua hora tinha chegado, pois assim estava escrito. A tristeza invadiu-nos, tomou conta do nosso coração, porque, apesar da sua linda idade, da sua frágil saúde, não estávamos preparados para a despedida. Nunca se está. A nossa mãe deixou-nos durante o seu sono profundo, sem se despedir de nós.



Emília da Costa Meira nasceu no dia 25-05-1926, era filha de Justino Alves Rolo e de Maria da Costa Meira. Casou com o nosso pai Cândido Narciso Novo, e deste casamento nasceram 7 filhos. Uma filha falecida ainda pequena e 6 vivos, que são: a Maria, o Manuel, a Irene, o Carlos, a Emília e a Fernanda. Filhos estes que lhe deram 11 netos e 7 bisnetos. O casamento dos nossos pais durou 64 anos. Agora o nosso pai é viúvo, assim Deus o ditou.

Eram tempos difíceis para se criar os filhos, mas a nossa Mãe nunca deixou que nos faltasse nada. Trabalhou muito, recolhendo o leite pelas portas com o cântaro à cabeça, e mais tarde, na máquina de costura, fazendo as saias e as blusas para as senhoras da terra. O nosso pai andava emigrado. Enfim, os anos foram passando, e com a vida já bem mais organizada, a saúde começou a faltar. Tudo fizemos, dentro do possível, para que tivesse a melhor qualidade de vida. Os espaços em casa que ocupava ficaram vazios. Que triste é olharmos e não a vemos mais. As lágrimas caem sem darmos conta... Que falta nos fazes, Mãe.

Foste sepultada, Mãe, num dia frio, mas acompanhada de muito calor humano, por todos aqueles que se juntaram a nós na dor, neste dia.

A família agradece a todos, quantos estiveram presentes neste último adeus, e nas palavras de conforto.

Querida Mãe, deixaste-nos
Resta a dor, a saudade, a solidão
Que Deus te guarde no céu
Como nós, no coração
Descansa em paz

A filha, M. Irene

Armindo de Oliveira Campos

Senhor, pai de todos nós, no passado dia 22 de novembro (Domingo), decidiste que precisavas de mais um anjinho ao pé de ti, e levaste para o teu Reino Eterno o nosso anjinho Armindo. Não sei porque o fizeste, pois acho que era muito cedo, e ele ainda fazia falta aqui na Terra; precisavas de mais um anjinho ao teu lado? Achaste que a missão terrena dele foi cumprida? Ou simplesmente achaste que estava na hora de ele nos deixar? Não sei, mas penso que tudo acontece por uma razão. Só espero que ele já esteja contigo e com os nossos que também já partiram para a tua Casa, Senhor! Sei que tu, meu tio, estás num sitio melhor, e que vais olhar por todos nós. Ainda é cedo, mas já dei por mim a olhar para o céu e a perguntar-me em qual das estrelas tu te terás transformado. Numa das mais brilhantes, com certeza! Tudo o que tenho para te oferecer, neste momento, são as minhas orações e as minhas memórias de quando brincávamos um com o outro. Peço-te que olhes por nós, pois sei que encontraste a luz e que a tua missão mudou, e essa é a tua missão a partir do dia em que partiste. Ilumina o nosso caminho, que nós te iluminámos com muitas orações. Nunca vamos esquecer as brincadeiras que fazias com cada um de nós, e que nos trazia sempre uma enorme boa disposição; nunca nos vamos esquecer do carinho que tinhas por nós, escondido por detrás desse sorriso maroto; nunca nos vamos esquecer do teu sorriso, que era uma imagem de marca que sempre tiveste; nunca nos vamos esquecer de ti, Tio Armindo, nunca!



Faleceu a 02/11/2015 Ana Maria Maia de Castro Sá Fernandes.

Nascida a 23/10/1953 na freguesia de Touguinha (Vila do Conde), casou com Afonso Miguel Fernandes, na freguesia de Estela (Póvoa de Varzim)

Deste matrimónio nasceram dois filhos, o Miguel e a Ana Miguel.

A filha Ana Miguel casou com Luís Miguel Faria de Antas.

A família agradece a todos os amigos de Antas que participaram nas exéquias fúnebres.

Que Deus lhe dê a paz e o descanso eterno.



MOVIMENTOS PAROQUIAIS

CELEBRAÇÃO BATISMAL

26/12/2015 – Helena Dias Barbosa, filha de Nelson José Martins Barbosa e de Paula Cristina da Cruz Dias Barbosa, residentes no lugar do Monte.

Ano	Batismos	Casamentos	Óbitos
2015	19	9	31
Há 50 anos	60	20	29
Há 100 anos	23	15	27

Padrinhos: Carlos Alberto Palmeira e Maria de Fátima da Costa Cruz Dias Boaventura.

António Fernandes Viana da Cruz (1943-2015)

Nascido em Antas, no lugar de Azevedo, na "casa das cerqueiras" onde é atualmente o Café Faria, António era o quarto de cinco irmãos. Filho de Manuel Alves da Cruz Lajoto e Gracindo Fernandes Viana, ainda jovem, António foi com os seus pais viver para Lisboa onde depois casou e constituiu família.

Faleceu a 18 de Novembro de 2015 com 72 anos em S. João da Talha – Moscavide – Lisboas, onde ficou sepultado. Contava à data do falecimento com esposa, duas filhas e três netos.

Que Deus lhe dê o eterno descanso e o recompense pelos seus trabalhos.



Padre Moreno do Couto

Para celebrar o 1º aniversário do seu falecimento, a paróquia de S. Romão do Neiva, onde tinha sido pároco mais de cinquenta anos, reuniu-se na tarde de 7 de Novembro para uma missa pelo seu eterno descanso.

A coordenadora da catequese, Ana Maria Neves Faria Neiva, na monição do início da celebração proferiu:

"Agradecemos a Deus a graça de nos conceder um Pastor generoso, sensível, sempre amigo e atento às necessidades de cada um, concretamente às dos mais carenciados e desprotegidos.

Foram 51 anos vividos ao serviço de Deus na nossa Comunidade Paroquial, à qual dedicou totalmente a sua vida.

Um ano após a sua partida, queremos dizer-lhe que sentimos muito a sua falta e que as saudades são imensas! Acreditamos que o Sr. Reitor se encontra junto do Pai a interceder por nós.

Celebremos com a certeza de que um dia nos encontraremos com ele em comunhão com Deus que é a fonte do Amor!"



Maria da Graça Gonçalves, nascida a 25 de Maio de 1930, filha de Deolinda Gonçalves e enteada de Alexandrino Pires Laranjeira, casou-se a 19 de Maio de 1962 com Hilário Azevedo e Sá (Hilário do Bispo), em Antas. O Hilário emigrou para Argentina depois do casamento e chamou a si a esposa passando uns meses. Desta união nasceram três filhas, Maria Fernanda, nascida a 05 de Abril de 1963 (mãe de um filho, Pablo Ezequiel), Sílvia Maria, nascida a 24 de Novembro de 1964 e Maria Alicia, nascida a 09 de Setembro de 1966 (mãe de dois filhos, Tomás e Rocio). Em 1984, Maria da Graça ficou viúva e começaram as dificuldades no dia-a-dia. Mulher trabalhadora, lutadora, foi uma excelente mãe, apoiando as filhas incondicionalmente, ajudando a criar os netos. No início do mês de Novembro de 2015, foi-lhe diagnosticada uma leucemia, ficando debilitada em pouco tempo. Faleceu no dia 24 de Novembro de 2015.



Que encontre a paz e o eterno descanso.

Alice Pereira Portela, nasceu no dia 24/06/1936 e faleceu no dia 29/10/2015.

Em nome da nossa família venho por este meio expor todo o nosso sentimento de dor pela nossa perda recente. Era filha de Basílio Gonçalves Portela e Maria Adelaide da Costa Pereira. Casou com Pascoal Laranjeira Martins Meira e dessa união nasceram 7 filhos: José, Manuel, Rosa Maria, Luís, Américo, Elias e Alberto José.

Para todos quantos a conheceram fica a imagem de uma mulher simples e protetora, que viveu a vida, apesar das dificuldades e trabalho, com simplicidade e honestidade.

A Família agradece a todos aqueles que estiveram presentes neste último adeus.

Que Deus a tenha em paz.



Adelaide Pereira da Torre, com 79 anos de idade, filha de José Gonçalves da Torre e de Arminda da Costa Pereira, cedo, como qualquer outra criança começou a trabalhar como empregada de servir na nossa freguesia de Antas, mais tarde, nos anos 70, com a expectativa de melhor rendimento foi trabalhar (também a servir) para Viana do Castelo. Sempre que possível vinha à terra Natal para visitar os familiares e amigos, onde era muito querida e conhecida por o seu altíssimo sentido de humor.

Para além de ser empregada de servir interna, também cozinhava para alguns casamentos de pessoas amigas.

Nos fins dos anos noventa foi traída pela doença que pouco a pouco a "levou".

No dia 21 de novembro partiu, para desta vez ser ela servida por Deus.

Descansa em Paz



Bodas de Ouro Matrimoniais

Na Igreja Paroquial (S. Paio Antas), há 50 anos (ano de 1966), casaram:

- 15 de janeiro: David de Barros Pereira e Maria Alcinda Ferreira Alvarães;
 - 22 de janeiro: José Pedreira Rodrigues e Leontina Viana Caramalho;
 - 23 de janeiro: Mário Alves Gomes e Maria Da Graça Fernandes Carvalho;
 - 29 de janeiro: Manuel Augusto da Costa Cruz e Maria Isabel Laranjeira da Silva;
 - 5 de fevereiro: António de Sá e Silva e Albina Gonçalves Crespo;
 - 26 de março: Porfírio Gonçalves Sá Laranjeira e Maria Madalena da Cruz Costa;
 - 23 de abril: António Dias Alves e Júlia Rodrigues Cachada;
 - 24 de abril: António Gonçalves Xavier da Costa e Acidália Ferreira Alvarães;
 - 7 de maio: Ângelo Meira Laranjeira e Maria de Azevedo Sá;
 - 7 de maio: Martinho de Barros Pereira e Maria Fernandes dos Santos Viana;
 - 22 de maio: Manuel da Torre Vieira e Maria Prudência Rodrigues Vieira;
 - 4 de Junho: Fernando Jaques Vieira e Adelaide Rolo Laranjeira;
 - 13 de agosto: Horácio Alves Rolo e Maria de Lurdes da Costa Matos;
 - 27 de agosto: Manuel Joaquim Lapeiro Pinto de Carvalho e Irene Vieira;
 - 3 de setembro: José Pereira de Azevedo e Maria da Conceição da Costa Rolo;
 - 3 de setembro: José Pinto de Amorim e Lúcia de Jesus Meira Rolo;
 - 10 de setembro: Manuel Cerqueira Xavier da Costa e Adelaide Pedreira Rodrigues;
 - 5 Novembro: Fernando António Lopes e Carolina Pereira da Torre;
 - 3 dezembro: Avelino Almeida Torres Neiva e Maria Meira da Cruz;
 - 18 dezembro: Manuel Alves Martins e Maria Manuela Laranjeira da Silva Meira;
 - 31 dezembro: Adriano Pires Martins e Maria da Graça Rodrigues Coutinho;
 - 31 dezembro: Manuel de Sousa Caseiro e Maria Cristiana Moreira Rolo;
- Num total de 22 casamentos, sendo pároco, Avelino dos Santos Alves.

GESTOS DE GENEROSIDADE

Anónimo, ajuda ao restauro do altar de Nossa Senhora das Vitórias, pela alma de meus pais, meus sogros, meu irmão e cunhada	Barcelos	200,00 €
Em memória e sufrágio de Júlia Ferreira Rodrigues	Lugar da Igreja	150,00 €
Em sufrágio de Júlia Ferreira Rodrigues	Lugar da Igreja	150,00 €
Manuel e Joaquina Alves, obras da Igreja	Lugar de Guilheta	50,00 €
Maria de Lurdes Almeida Sá, em sufrágio de seu marido, filha e restante família	Lugar da Estrada	100,00 €
Anónima	Lugar de Belinho	200,00 €
Anónima, em sufrágio de seus familiares	Lugar de Belinho	100,00 €
Anónima, em louvor do Santíssimo Sacramento/Sagrado Coração de Jesus, sufragando seu marido e restantes familiares	Lugar de Guilheta	50,00 €
Anónima, em sufrágio de seus familiares	Lugar do Monte	50,00 €
Domingos Cunha e Maria de Lurdes Costa, em sufrágio de seus pais	Lugar do Monte	100,00 €
Duas irmãs em louvor de Nossa Senhora das Vitórias e em sufrágio de seus pais	Lugar de Azevedo	70,00 €
Anónima, em louvor de Nossa Senhora das Vitórias e sufrágio de seus pais	Lugar do Monte	50,00 €
Anónima, em devoção/promessa a Nossa Senhora das Vitórias	Lugar de Guilheta	50,00 €
Anónima, em louvor do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora das Vitórias	Lugar de Guilheta	50,00 €
Trilho das Azenhas	S.Paio de Antas	100,00 €
Em memória e sufrágio de Emília da Costa Meira, seu marido Cândido Novo	Lugar do Monte	250,00 €
Maria Irene Lima Rolo e Irmã, promessa/devoção a Nossa Senhora das Vitórias	Lugar de Azevedo	200,00 €
Maria Irene Lima Rolo e Irmã, por alma de seus pais, irmã, avós e bisavós	Lugar de Azevedo	100,00 €
Em memória e sufrágio de José Joaquim de Azevedo	Lugar de Azevedo	3.000,00 €
Grupo de Cantares e Dançares	S.Paio de Antas	100,00 €
Anónima, em louvor de Nossa Senhora das Vitórias	Lugar de Azevedo	100,00 €
Manuel Lima Viana e Alexandrina, sufragando seus pais/sogros	Lugar de Azevedo	100,00 €
Anónimo	Lugar da Estrada	10,00 €
Inês Cepa, marido e filha, sufragando Manuela do Mário	Lugar de Guilheta	50,00 €
Manuel, esposa e filha, sufragando Manuela do Mário	Lugar de Guilheta	50,00 €
Vítor, esposa e filha, sufragando Manuela do Mário	Lugar de Guilheta	50,00 €
Cândido Gonçalves da Silva e Neli	Lugar da Estrada	100,00 €
Anónimo	Lugar de Azevedo	200,00 €
Anónima, em sufrágio de seus familiares	Lugar de Guilheta	100,00 €
Anónima, em louvor do Sagrado Coração de Jesus, em sufrágio de seu marido, pais e sogros	Lugar de Guilheta	100,00 €
Raúl e Amélia, em agradecimento a Nossa Senhora das Vitórias	Lugar da Estrada	100,00 €
Maria Dias, em louvor do Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora das Vitórias e em sufrágio de seu marido	Lugar de Guilheta	100,00 €
Anónimo	Lugar de Guilheta	50,00 €
Anónima, em sufrágio de seus familiares e das almas do purgatório	Lugar da Estrada	100,00 €
Anónima, em sufrágio de seus familiares e das almas do purgatório	Lugar da Estrada	100,00 €
Anónima, em louvor de Nossa Senhora das Vitórias e em sufrágio das almas do purgatório	Lugar de Azevedo	100,00 €
Anónima, em sufrágio de seus pais	Lugar de Guilheta	200,00 €
Anónima, em sufrágio de seus pais, irmão e restantes familiares	Lugar de Belinho	30,00 €
Anónimo, em sufrágio de seus familiares e amigos		200,00 €
Anónima, em devoção a Nossa Senhora das Vitórias	Lugar do Monte	150,00 €
Anónima, em devoção as Almas do Purgatório e em sufrágio de seus familiares	Lugar de Azevedo	50,00 €
Anónima	Lugar de Belinho	50,00 €
Anónimo	Lugar da Estrada	10,00 €
Em memória e sufrágio de Armindo Oliveira Campos, Maria Alice Fernande de Sá e Manuel Sá Vieira	Lugar do Monte	150,00 €
António Cardante e Maria José, louvor a Nossa Senhora das Vitórias e S. José, sufrágio de seus sogros e restantes familiares	Lugar de Guilheta	100,00 €
Anónima, em sufrágio de seu marido e familiares	Lugar do Monte	100,00 €
Continua no próximo número...		

Homenagem a Manuel Ledo

O Rotary Club de Esposende homenageou no passado dia 27 de Outubro o cidadão Manuel Martins Ledo, Vogal da Administração do Crédito Agrícola da Póvoa de Varzim, Vila do Conde e Esposende, pelo seu mérito profissional. Mariz Neiva, Presidente do Rotary Club de Esposende, justificou a escolha da seguinte forma:

“Escolhemos esta pessoa por duas razões: primeiro porque é um agricultor cá de Esposende; e segundo porque ainda se encontra a desempenhar um cargo no Conselho de Administração do Crédito Agrícola da Póvoa de Varzim, Vila do Conde e Esposende. Um cargo que exige preparação, conhecimento e saber fazer para liderar, como ele liderou pelo menos dois mandatos na instituição bancária de Esposende”.

Na noite de gala, vivida no hotel Suave Mar, a sala estava composta como nunca e o ambiente salutar entre todos os presentes criou uma atmosfera de gratidão, memória e homenagem pelos feitos do Sr. Manuel Martins Ledo. Ele, que com a devida lucidez e presença se desdobrou em elogios e agradecimentos a toda a assembleia. Discursou dizendo: *Boa noite.*

Quero agradecer ao Sr. Presidente do Rotary Club de Esposende, Dr. Manuel Mariz Neiva e restantes Rotarysts, por me reconhecerem desta forma.

Ao longo da minha vida aprendi que às vezes somos surpreendidos por quem menos esperamos. O que eu ainda não tinha aprendido nestes 86 anos de vida é que eu próprio também teria capacidade de vos surpreender e cativar ao ponto de merecer este destaque.

Muito Obrigado!

Parabéns aos membros hoje empossados. Em momentos difíceis como os que vivemos, a vossa coragem e disponibilidade serão concertiza um contributo indispensável no excelente serviço que os rotarianos prestam à sociedade.

Um agradecimento especial à Administração do Crédito Agrícola e funcionários por me honrarem com a vossa presença.

Obrigado por me permitirem participar no crescimento e desenvolvimento desta grande Instituição de Crédito.

O Crédito Agrícola tem sido para mim uma segunda casa, uma segunda família, na qual me sinto inserido e muito acarinhado.

Ao longo dos anos, muitas são as amizades que se vão formando e outras tantas que se vão perdendo, pelas circunstâncias da vida. E acreditem que nos apercebemos mais rapidamente das amizades que perdemos do que das que se estão a formar.

Tal como é apanágio dos Rotarianos, sempre tentei cultivar o máximo de amizades e perder o mínimo. Sempre foi assim!

E hoje encho-me de alegria por ver tantos amigos que me fazem recordar o que de único e inesquecível vivi com cada um de vocês.

A todos muito obrigado por escutarem com atenção as minhas histórias e se rirem das minhas anedotas. De que

serviria ter vivido tantas das histórias que vos conto, se não tivesse com quem as partilhar.

Não imaginam a vida que me dão as vossas gargalhadas e os vossos sorrisos.

Como Ancestral Comum, não posso deixar de referir a minha família, os meus filhos e os meus netos.

Filhos, os vossos cuidados, atenção e estima para comigo, fazem-me sentir muito aconchegado, eu diria até mimado.

Não posso esconder o orgulho que tenho por ver que vos reconhecem os valores que sempre vos transmiti.

Netinhos fazeis de mim um avô babado, por me considerares mais um amigo, um companheiro, um confidente.

A nossa cumplicidade faz-me sentir mais novo e mais alegre, apesar de já não poder correr como vós atrás da caça...

Há neste momento um sentimento que nasce, do sentido de dever cumprido.

Alguém disse um dia: “Quando tiveres cumprido o teu dever, resta-te ainda outro: mostrares-te satisfeito”.

Estou muito satisfeito!

Muito Obrigado!

O neto João, em momento oportuno, proferiu as seguintes palavras: «Boa Noite,

Manuel Martins Ledo, o

homem que hoje é galardoado, é também o Pai, o Avô, o Amigo Fiel e o Esposo Ad Aeternum. O Senhor da palavra dita e generosa, do gesto benemérito, da atitude correcta e da presença que enche o lar. Presença, essa, constante e sábia. Um homem de causas que engrandece um ofício, uma família, um povo.

O neto mais novo, de 5, filho do filho mais velho apresenta-se: João Viana Ferreira Ledo. Ledo por parte do Avô, Ferreira por parte da Avó, criado e educado por parte dos dois. Existem grandes homens que fazem com que todos se sintam pequenos á sua volta, mas o verdadeiro colo de uma avó, mãe e esposa de excepção como era a «Avozinha» fazia com que todos á sua volta se sentissem grandes. E é no seio desta grandeza, que não é física mas sim de alma que se edificou o notável ser humano, que é o meu avô. A vida fê-lo doutor e o que esta lhe ensinou, vai para além de qualquer tese ou dogma.

Dizia alguém que O maior prémio por uma coisa bem feita, é, tê-la, efectivamente, feito. Estes êxitos que te reconhecemos, Vozinho, e o Orgulho com que pensei nestas palavras fazem de ti o Mestre que nem sempre ensinava, de repente, com a maior humildade, aprendia connosco. Obrigado pela compreensão, pela experiência de vida que perpetuará e pela indicação de rota e caminho.

Muito Obrigado a todos,

Continuação de boa Noite.»

O próprio e a sua família reiteraram todos os discursos de gratidão e dão graças por na vida se rodearem de amigos bondosos, trabalhadores e honestos muitos deles presentes naquela noite única e eterna. Que a amizade fique para sempre. Muito Obrigado.



A PRAIA E OS VERANEANTES

Tinha previsto, no fim do primeiro artigo sobre a Praia (Voz de Antas, n.º 269, de setembro-outubro, 2015) que, no número seguinte falaria dos veraneantes. Afinal continuei a fazer referência aos barqueiros e aos guardas. Revendo aquele artigo encontrei um erro que vou corrigir. A casa que o rev. P. Ledo comprou em 1897 não foi a do vendeiro Boaventura Pereira da Silva (1825 – 1856). Foi sim a casa anexa, do irmão Manuel Pereira da Silva (1814 – 1896), que tinha sido barqueiro. A casa do Boaventura continuou a ser a morada da viúva, Maria Alves, que depois casou, em 1861, com João Vicente Daniel, também barqueiro e lavrador.

O P. António Martins Ledo remodelou a casa, alteou-a com um mirante, janela e sacada, como muito bem se vê na fotografia então publicada. Não tardou a convidar amigos para disfrutarem não só do rio e da praia mas também da pesca e da caça. Ficaram na memória os reverendos padres Rodrigo Pereira de Passos, de Alvarães, António Lourenço de Araújo, abade de Barroselas, e José Fontelo, pároco de Carvoeiro. Tinham também, por vezes, a companhia do P. João José de Barros, da “Casa da Paia”, e de seus sobrinhos Barros, principalmente o José, e do jovem P. António Dias Ferreira, também sobrinho e afilhado do P. Ledo, que foi pároco em Mar de 1924 a 1935. Também para a mesma casa vinham outros veraneantes da cidade do Porto: eram os componentes da família Azevedo, que traziam de lá muitos amigos, tantos que era impossível alojá-los a todos na “Quinta dos Azevedos”. Curiosamente, a fama era tão grande que o jornal “O Primeiro de Janeiro” publicou, a 13 de setembro de 1922, um curioso e extenso artigo assinado por Alfredo Guimarães, relativo à pesca na foz do Neiva, sob o título: “Os vargueiros – Antas, zona do Minho marítimo, em pleno setembro de rosas”. Aí se faz referência ao professor Torrinhas, da Escola Barão de Maracanã. A ele se refere também esta notícia de “O Novo Cávado”, de 13 de setembro de 1925: “De visita ao Sr. António de Carvalho Torrinhas, professor nesta freguesia de Antas – à foz do Neiva – vieram os Srs. Dr. Amaro de Oliveira e família, tenente-coronel Vila-Chã Leite, capitão Queirós e seu irmão José Magalhães Queirós e família, todos de Braga. O Sr. Torrinhas realizou nessa ocasião uma pescaria que rendeu 132 tainhas. Suas Exas. ficaram satisfeitíssimas, antegozando as delícias de um dia bem passado.” Outro jornal que se referia a veraneantes “na praia de Guilheta” era o “Alma Nova”, que se publicou em Barroselas de 1926 a 1927.

Foi por esta altura que se tornou evidente a necessidade de uma estrada até à foz. A ideia vinha de longe e contava-se com a ajuda do benfeitor António Rodrigues Alves de Faria que tinha ajudado a Câmara na construção da estrada da nossa igreja para Forjães, concluída em 1919. Já em julho desse ano, o nosso correspondente para “O Novo Cávado” anunciava que “têm estado bastantes famílias a banhos, na praia desta freguesia (foz do rio Neiva) e são esperadas muitas mais. Parece que será muito concorrida este ano. Pena é que a tão falada avenida Rodrigues de Faria, não siga o quanto antes, pois se seguisse, esta praia ficava a melhor do concelho.”

Os meses passavam, nada se fazia. Em setembro de 1921, a respeito das estradas municipais, o jornal “A Verdade”, de Esposende, insistia: “Antas precisa de uma estrada para o mar, em continuação da que de Barroselas vem até ao lugar da Estrada, e teremos aí a melhor praia do concelho.”

As vicissitudes da construção estão pormenorizadamente relatadas em “A Nossa Terra e Suas Devoções”, páginas 479

a 481. Só em 1939 se deram por concluídos os trabalhos. A frequência de banhistas era cada vez maior e foram erguidas mais algumas casas, nomeadamente a da “D. Maria do Gaio”, Maria Alves de Faria, a do guarda-fiscal Telmo da Silva Leitão e a de Albino Alves de Azevedo, “Santa”.

Mas esperava-se maior desenvolvimento do lugar da Barca. Foi assim que o nosso saudoso conterrâneo Albino Fernandes de Sá, sob o pseudónimo “Cristiano Dantas”, descreveu a situação no verão de 1846: “Praia encantadora a Foz do Neiva, sem rival na Costa do Norte. Tem quanto de bom a natureza pode dar a uma praia: areia finíssima e aveludada, estendendo-se um espraio liso de muitos quilómetros e continuando-se para o interior em grandes dunas ondulantes, até se esbarrarem nos pinheirais que protegem os campos verdejantes de milho; e para que nada lhe faltasse, o Neiva espreguiça-se em longas voltas, onde podem vogar inúmeros barquinhos a toda a hora, porque a água está represada sem escoamento total para o mar, e as ondas esbarram contra a areia acumulada no estuário. Uma praia que é um encanto da natureza.” Mas, apesar desta boa qualificação, logo se sentia informado com o pouco desenvolvimento do local. E terminou assim o artigo: “Julgo que em breves anos, a Foz do Neiva será uma grande praia do Norte de Portugal. Parece ser o destino que lhe traçou Deus e que os homens não souberam ainda executar. Olhamos com esperança o futuro da Praia da Foz do Neiva!” (O Cávado, n.º 1355, 15 de setembro de 1946).

Com efeito, tudo iria mudar. Por 1942 habitava na casa que tinha sido do P. Ledo, agora do P. Dias Ferreira, o cabo da guarda-fiscal António Augusto Soeiro. Era casado com “Dona Rosinha”, prima de D. Lucinda, esposa do capitão Fonseca que fora combatente da I Grande Guerra em França. Desta relação surgiu a oportunidade da compra da casa do P. Ferreira e da anexa de José Vicente Rei, genro do atrás referido João Vicente Daniel. Em 1947 estava pronta a majestosa “casa do Capitão” e mais a sul, no sítio das Corgas e em frente às desaparecidas barracas dos barcos, a modesta “casa do Poveiro”, agora também desaparecida.

*

Com o correr dos anos surgiram novas casas de veraneantes. O interesse pelo lugar da Barca foi aumentando e hoje o tal sítio das Corgas é uma estância de luxo. É pena que neste século o mar tenha avançado e comido sofregamente a tal “areia finíssima”. Talvez a vomite, esperemos...

Raul Saleiro



Pesqueira, Barca, Foz do Neiva